

Alguns estudiosos têm objetado a chamar os profetas de “maiores e menores”, como se exaltasse a alguns e aviltasse outros. No entanto, esses adjetivos tencionam somente indicar o volume de suas produções literárias. O fato deles serem chamados de “menores” não significa que os seus autores foram homens de importância secundária, mas apenas que os rolos que eles deixaram escritos não são muito volumosos, quando confrontados com os chamados Profetas Maiores. A expressão não diz respeito à qualidade de suas obras, como se *maiores* significasse “*melhores*”, e *menores* significasse “*piores*”. Esses termos são apenas artificiais.

Neste número da Atitude vamos nos deter nos ensinamentos de sete desses profetas chamados *menores*, estudando de Miqueias a Malaquias.

O nosso desejo é que o estudo e as lições de vida que vamos extrair dessas profecias falem profundamente a cada um dos nossos leitores e que, a partir daí, os seus efeitos influenciem o nosso modo de ser, atitudes e reações, a fim de serem pessoas melhores e agradáveis a Deus, para que o mundo possa ver Cristo em seus filhos.

Portanto, um bom estudo para todos.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaeditora.com.br

ISSN 1984-8633
LITERATURA BATISTA
ANO CXIII – Nº 452

AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

As lições deste trimestre foram escritas pelo **Pr. Laerte Franca**. Formado em Teologia pelo STBSB em 1979, é oficial Reformado do Exército do Quadro de Administração. Atua como pastor presidente da Igreja Batista Memorial em Nova Iguaçu, desde 23/11/93. Foi professor de Homilética, Hermenêutica e Ética por mais de dez anos no Seminário Bíblico Batista do Rio de Janeiro.

NOTA DA REDAÇÃO

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

//SUMÁRIO

//EBD

Lição 1 – Um retrato atual da corrupção	13
Lição 2 – Ameaça e esperança	18
Lição 3 – A visão do Messias em meio ao mal	23
Lição 4 – Justiça e misericórdia de Deus.....	28
Lição 5 – O triunfo da fé inabalável	33
Lição 6 – Deus preserva o remanescente do seu povo	38
Lição 7 – Deus reconstrói a história do seu povo.....	43
Lição 8 – Deus exorta ao arrependimento	48
Lição 9 – O culto que agrada a Deus.....	53
Lição 10 – A promessa da nova aliança.....	58
Lição 11 – O reino universal do Senhor	63
Lição 12 – Uma visão do amor de Deus	68
Lição 13 – A diferença entre o justo e o ímpio	73

//SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica	4
Tema da EBD	5
Lazer	78

//AINDA EM ATITUDE

Uma visão panorâmica.....	79
Sugestões dinâmicas	84
Hoje veja o amanhã	86
Por uma espiritualidade do coração.....	93

» LEITURA BÍBLICA

Semana 1

SEG Miqueias 1.1-4
TER Miqueias 1.5-8
QUA Miqueias 1.9-12
QUI Miqueias 1.13-16
SEX Miqueias 2.1-40
SÁB Miqueias 2.5-8
DOM Miqueias 2.9.13

Semana 2

SEG Miqueias 3.1-4
TER Miqueias 3.5-8
QUA Miqueias 3.9-12
QUI Miqueias 4.1-3
SEX Miqueias 4.4-6
SÁB Miqueias 4.7-9
DOM Miqueias 4.10-13

Semana 3

SEG Miqueias 5.1-8
TER Miqueias 5.9-15
QUA Miqueias 6.1-8
QUI Miqueias 6.9-16
SEX Miqueias 7.1-7
SÁB Miqueias 7.8-15
DOM Miqueias 7.16-20

Semana 4

SEG Naum 1.1-8
TER Naum 1.9-15
QUA Naum 2.1-6
QUI Naum 2.7-13
SEX Naum 3.1-7
SÁB Naum 3.8-14
DOM Naum 3.15-19

Semana 5

SEG Habacuque 1.1-9
TER Habacuque 1.10-17
QUA Habacuque 2.1-7
QUI Habacuque 2.8-14
SEX Habacuque 2.15-20
SÁB Habacuque 3.1-9
DOM Habacuque 3.10-19

Semana 6

SEG Sofonias 1.1-9
TER Sofonias 1.10-18
QUA Sofonias 2.1-7
QUI Sofonias 2.8-15
SEX Sofonias 3.1-8
SÁB Sofonias 3.9-13
DOM Sofonias 3.10-20

Semana 7

SEG Ageu 1.1-5
TER Ageu 1.6-10
QUA Ageu 1.11-15
QUI Ageu 2.1-4
SEX Ageu 2.5-9
SÁB Ageu 2.10-17
DOM Ageu 2.18-23

Semana 8

SEG Zacarias 1.1-6
TER Zacarias 1.7-17
QUA Zacarias 1.18-21
QUI Zacarias 2.1-5
SEX Zacarias 2.6-13
SÁB Zacarias 3.1-10
DOM Zacarias 4.1-14

Semana 9

SEG Zacarias 5.1-4
TER Zacarias 5.5-11
QUA Zacarias 6.1-8
QUI Zacarias 6.9-15
SEX Zacarias 7.1-3
SÁB Zacarias 7.4-8
DOM Zacarias 7.9-14

Semana 10

SEG Zacarias 8.1-9
TER Zacarias 8.10-17
QUA Zacarias 8.18-23
QUI Zacarias 9.1-8
SEX Zacarias 9.9-17
SÁB Zacarias 10.1-8
DOM Zacarias 10.9-12

Semana 11


SEG Zacarias 11.1-17
TER Zacarias 12.1-9
QUA Zacarias 12.10-14
QUI Zacarias 13.1-6
SEX Zacarias 13.7-9
SÁB Zacarias 14.1-8
DOM Zacarias 14.9-21

Semana 12

SEG Malaquias 1.1-6
TER Malaquias 1.7-11
QUA Malaquias 1.12-14
QUI Malaquias 2.1-4
SEX Malaquias 2.5-9
SÁB Malaquias 2.10-14
DOM Malaquias 2.15-17

Semana 13

SEG Malaquias 3.1-3
TER Malaquias 3.4-6
QUA Malaquias 3.7-10
QUI Malaquias 3.11-15
SEX Malaquias 3.16-18
SÁB Malaquias 4.1-3
DOM Malaquias 4.4-6



DE MIQUEIAS A MALAQUIAS

Valtair A. Miranda

Rio de Janeiro, RJ

Teologia de Miqueias

Em Miqueias parece haver algum tipo de profecia messiânica a partir de eventos relacionados com a monarquia de Judá. O termo Messias não foi usado nos profetas pré-exílicos para se referir ao futuro rei ideal, de modo que tais menções devem ser usadas mais para descrição funcional do que como um título. Dois lugares no livro de Miqueias falam de libertadores reais que serviriam como instrumentos do Senhor para salvar Israel de seus inimigos. Em 2.13, o rei é descrito como liderando o povo para sair de um lugar. O capítulo 2.12 fala de um remanescente que seria reunido em um lugar protegido, e o capítulo 1 se referiu à destruição de cidades de Judá. Isso indica que, talvez, 2.12 seja uma

referência aos refugiados de todas as cidades de Judá que se reuniram seguros em Jerusalém, na sequência do ataque assírio de 701 a.C. Se este for o incidente mencionado, esta passagem estaria se referindo à libertação divina em resposta ao pedido do rei Ezequias. Em 5.2-9, o libertador não é referido como “rei”, mas como “governante”. Seu surgimento de Belém significa que ele seria um novo Davi e indica alguma descontinuidade com a administração reinante, cujos herdeiros teriam nascido em Jerusalém. Ele é descrito como aquele que traria libertação para o remanescente. Muito provavelmente, então, Miqueias estava discutindo o rei davídico ideal que, posteriormente, seria chamado de Messias. Ainda há pouco para indicar quando essa figura messiânica en-

traria em cena ou como ele realizaria sua função. Quando a história avançou, os autores do Novo Testamento ofereceram uma nova visão sobre o significado de sua profecia. Eles não hesitaram em ver Jesus, nascido em Belém, como “o novo Davi” que foi antecipado por Miqueias.

Outra contribuição teológica significativa de Miqueias tem relação com o sacrifício. Miqueias 6.8 afirma. “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus.” Nos versículos 6 e 7 deste mesmo capítulo, os israelitas estavam questionando como a ira do Senhor poderia ser aplacada. Eles estavam inclinados a tentar apaziguar o Senhor por meio do ritual e dos sacrifícios. Neste contexto, Miqueias explica com sua profecia que os próprios rituais não satisfazem a Deus. Seria a conduta adequada que poria fim à ira divina. Eles agiram injustamente, violaram a aliança com Deus e com os outros, eram um povo orgulhoso. Era esse comportamento que deveria cessar. A mensagem aqui é tomada de 1 Samuel 15.22: obedecer é melhor do que sacrificar.

Teologia de Naum

O principal objetivo do livro é pronunciar a desgraça de Nínive. Este é um oráculo similar aos oráculos de julgamento contra as nações, também encontrados em outros profetas. Apesar de ter como alvo a cidade de Nínive, é improvável, embora

não impossível, que ela tenha sido a audiência dessa profecia. Pelo contrário, provavelmente, foi dado como um encorajamento para o povo de Judá, que há muito sofria sob a dominação assíria. A mensagem era que os dias do governo assírio estavam chegando ao fim nas mãos do Senhor. Esse não foi apenas um caso do fluxo e refluxo da história, mas a ação do castigo do Senhor contra Nínive. A soberania de Deus é aqui o principal ingrediente da mensagem de Naum. Ele anunciou a desgraça de Nínive e ela se realizaria.

O livro começa com um salmo gráfico que se destina a colocar a visão em sua perspectiva correta. Alguns pesquisadores entenderam que o salmo foi um acróstico, parcialmente perdido na transmissão ou mesmo adaptado por Naum. A ideia de que Naum teria adaptado um salmo bem conhecido como introdução não representa um problema teológico, e pode até ser considerada provável. As cartas de Paulo, no Novo Testamento, têm vários salmos possivelmente cantados nas igrejas e adaptados por ele em sua correspondência. A ênfase do salmo introdutório de Naum sobre os atributos de Deus e seu domínio do cosmo afirma tanto sua atenção na direção da história humana, quanto sua capacidade de julgar Nínive.

A segunda seção do livro compreende mensagens alternadas para Nínive e Judá. Isso deixa claro que, embora a mensagem parecesse ser dirigida a Nínive, na verdade tinha como alvo Judá. As promessas anunciadas

de cite este versículo no contexto de sua ênfase na fé sobre as obras (Rm 1.17), aqui ele tem a função de sugerir que a pessoa correta manterá um estilo de vida de integridade e fidelidade mesmo quando não entender os caminhos de Deus. Isso oferece uma reafirmação do princípio retratado no oráculo de julgamento contra Judá (1.5-11) que, por sua vez, leva à próxima seção, na qual está o oráculo do julgamento contra a Babilônia (2.6-20) que confirma a justiça de Deus: os iníquos serão punidos.

Reconhecendo a sua obrigação de viver em um relacionamento correto com Deus e confiar que Deus, em sua justiça, vai punir os maus, vem a terceira oração de Habacuque (3.1,2), que pede que Deus tenha misericórdia no exercício da sua ira. Isso levou ao belo hino de 3.3-15 que descreve não apenas o julgamento divino, mas, também, sua libertação (v. 13), refletindo as duas respostas dadas anteriormente. O resultado final disso (3.16-19) foi a aceitação da justiça de Deus, não porque uma explicação completa foi dada, mas porque Deus é Deus e as pessoas são apenas pó. A aceitação não foi um ato de “auto-desprezo”, mas um ato de confiança.

Um princípio final pode ser inferido do Antigo Testamento, mas é declarado explicitamente no Novo. A quem muito é dado, muito será exigido (Lc 12.48). Usando a analogia da escala, isso significa que a revelação tem o efeito de aumentar o botão para mais perto do prato. Como resultado, aqueles, como os israelitas que se beneficiaram de ter a lei do

Eles tinham não apenas a lei, mas também as advertências enviadas pelos profetas

Senhor, serão julgados por Deus por mais ofensas do que aqueles que não conheceram a Lei.

Este último princípio fornece mais elementos para compreender o dilema enfrentado por Habacuque. Mesmo que os babilônios fossem mais iníquos que os israelitas, Israel deveria saber melhor do que eles a diferença entre o certo e o errado. Eles tinham não apenas a lei, mas também as advertências enviadas por Deus por meio dos seus profetas. Portanto, o tempo para o julgamento deles já havia chegado, enquanto o julgamento para os babilônios ainda estava por acontecer.

É preciso lembrar que esta analogia pode ser aplicada a estas mensagens proféticas de Habacuque e outros do Antigo Testamento quando o assunto é o julgamento das nações. Estes profetas estão falando de salvação nacional, da nação como um todo. Eles não estão tratando de salvação individual, tema esse que será recor-

rente no Novo Testamento. Neste sentido individual, entretanto, é possível já no Antigo Testamento apontar para a mensagem de Ezequiel ao afirmar que cada um será responsável pelo seu próprio pecado (Ez 18.2).

O livro de Habacuque nos dá confiança no controle soberano e justo de Deus em um mundo hoje que, muitas vezes, parece estar à beira da autodestruição. Não podemos estar a par do funcionamento interno das operações cotidianas de Deus sobre a história, mas podemos ter certeza de que seus propósitos estão sendo cumpridos.

Teologia de Sofonias

O propósito das profecias de Sofonias era provocar uma mudança em Judá, pronunciando o juízo de Deus sobre a iniquidade. Com a intenção de Deus de punir veio a proclamação de sua intenção de restaurar Judá. A mensagem de Sofonias estava centrada no dia do Senhor que, segundo ele, estava se aproximando rapidamente. A acusação de Judá incluiu a denúncia de seus funcionários corruptos e sua contínua rebelião contra o Senhor. O julgamento contra Judá está claramente indicado em suas palavras, mas Sofonias foi vago quanto à forma que o julgamento tomaria. Não há menção de cerco, exílio ou ameaça babilônica. A natureza universal do julgamento é uma parte significativa da perspectiva do livro e sugeriu aos leitores daquela época que a agitação política que

eles experimentavam teria efeitos de longo alcance.

Os três versículos do capítulo 2 formam o convite central para sua audiência: “Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto, pois o dia se vai como a palha; antes que venha sobre ti o furor da ira do SENHOR, sim, antes que venha sobre ti o dia da ira do SENHOR”. É uma instrução que convida, pelo menos, um grupo de judeus piedosos a buscar o Senhor para que, em sua misericórdia, venha a ser poupado do juízo que estava para vir sobre o restante do povo. A restauração, por sua vez, projetada em 3.9-20, é eminentemente coletiva e universal. O remanescente purificado desfrutaria da paz e do favor do Senhor, que era seu rei e libertador.

Além de Amós, Sofonias é o único livro entre os Profetas Menores a apresentar uma série de oráculos contra as nações. Em Amós, há o pronunciamento do julgamento também sobre Israel e Judá; em Sofonias, o povo de Deus serve como exemplo da intenção do Senhor de julgar todas as nações. Desta forma, o julgamento declarado contra Judá não aparece isoladamente, mas como parte da agenda geral de Deus, o juiz de toda a terra.

A expressão “o dia do Senhor” foi usada pelos profetas para indicar o tempo em que o atual estado de coisas seria substituído pela nova ordem restaurada do Senhor. A maioria dos oráculos da literatura profética representa o movimento em direção

a essa condição ideal. Neste estágio da pregação profética, o novo estado deve ser alcançado não mediante uma imensa intervenção de Deus (embora tal intervenção possa estar envolvida no último passo), mas por um processo contínuo de purificação das iniquidades.

O resultado disso é que pode haver inúmeros “dias do Senhor” antes do derradeiro “dia do Senhor”, que inaugurarão uma nova ordem que nunca mais estará em risco ou desestabilizada. Assim, a derrota do império assírio pode legitimamente ser considerado o “dia do Senhor”. Igualmente, a queda da Babilônia, dos persas, dos gregos, dos romanos. Neste ínterim, a destruição de Jerusalém e do templo certamente se qualifica igualmente como o “dia do Senhor”.

Teologia de Ageu

O contexto do profeta Ageu pode ser encontrado nas narrativas de Esdras e Neemias. Suas palavras parecem indicar que ele é um dos repatriados. Esteve no exílio e voltou por concessão dos persas. Podemos situar seu discurso durante o reinado do rei Dario, em torno de 520 a.C.

O povo encarou, auxiliado pela leitura profética, o exílio como um castigo pela rebelião. Eles parecem ter aprendido a lição, já que muitas crises anteriores ao exílio praticamente desapareceram da mensagem dos profetas, como a idolatria.

As comunidades agora eram predominantemente urbanas, e não mais

agrícolas ou pastoris. Com isso, não só as mensagens passam a ser basicamente metropolitanas, mas, também, os problemas são cosmopolitas, como construções de casas em detrimento da restauração do templo.

Um novo nome surge. Eles agora são chamados definitivamente de judeus. Os termos hebreus ou israelitas desaparecem de uso. Afinal, apenas a nação de Judá sobreviveu. Ela agora é a única representante da aliança abraâmica. Os persas também denominaram a região da antiga Canaã como província da Judeia.

A destruição do templo traz outra contribuição teológica para os judeus: a convicção de que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas. Deus é maior que qualquer casa construída para ele. Os judeus agora sabiam que Deus poderia ser adorado, com ou sem templo, nele ou fora dele. Esta mensagem perderá um pouco da sua força com a reconstrução do templo, mas foi retomada por Jesus no diálogo que teve com a mulher samaritana (Jo 4.21-24).

O profeta Ageu questiona os valores do povo, que tem até boas intenções, mas não consegue colocar em prática seus ideais de retorno à aliança. Talvez seja isso que traga mais crise para o profeta. O problema não era o templo em si, já que Deus não precisava dele, mas o que ia no coração do povo, que resultava na construção de suas casas em detrimento daquela que seria a casa de Deus.

*Culto autêntico
é somente
aquele em que
Deus é o centro*

um símbolo da paz, justiça e santidade que caracterizarão o reino de Deus (14.16-21). Até mesmo os povos das nações farão peregrinações regulares para adorar o Deus de Israel (14.16).

As perspectivas de Zacarias sobre “o dia do Senhor” são consistentes com o restante do ensino do Antigo Testamento. Em geral, a estrutura é de apostasia em Israel, seguida por opressão e dispersão como julgamento pelo pecado. O arrependimento subsequente de Israel leva Deus a reunir os eleitos e restaurar as bênçãos do pacto e julgar o pecado das nações para que Israel possa desfrutar da presença de Deus.

Teologia de Malaquias

As mensagens contidas no último livro do Antigo Testamento cristão foram pregadas várias décadas após Ageu e Zacarias e antes de Esdras e Neemias. Isto pode ser percebido porque o templo já está de pé novamente, mas o pessimismo e o ceticismo – combatidos por Esdras

e Neemias – ainda imperavam. Isto talvez nos force a situar o livro de Malaquias para cerca de 465 a.C. O que pode ter levado as pessoas ao ceticismo latente daqueles dias?

O povo já estava de volta à Palestina há quase 100 anos e, apesar das promessas explícitas de restauração de Ageu e Zacarias, ou implícitas do Pentateuco, o povo continuava pobre e dominado. O que mais rondava a sociedade judaica pós-exílica era privação, amargura incipiente e ansiedade vigilante. Será que as promessas falharam?

Malaquias, cujo nome significa “meu mensageiro”, é uma resposta para esta dúvida e, ao mesmo tempo, uma chamada à obediência da lei como condição da restauração. Num contexto de cinismo e ironia religiosa, é comum as pessoas procurarem Deus apenas para barganhar com ele. Se não recebem dele o que desejam, tornam-se céticas e frias. Só o buscam em troca de suas bênçãos. Neste caso, o motivador de sua adoração é o céu, a vida, a saúde, a paz e o alimento diário. Não procuram Deus por ele mesmo. Ele não é o centro de suas vidas, mas as coisas que oferece.

Em casos como este, o culto apresentado é falso e inautêntico. Culto autêntico é somente aquele em que Deus é o centro. Deus não podia ser comprado com o sacrifício de animais ou com práticas litúrgicas, sejam quais forem.

UM RETRATO ATUAL DA CORRUPÇÃO

TEXTO BÍBLICO**MIQUEIAS 1; 2****TEXTO ÁUREO****MIQUEIAS 2.1,2**

» PRA COMEÇAR

O livro de Miqueias, à exceção da introdução, é quase que totalmente uma composição poética. Ele é composto de mensagens de julgamento e castigo seguidas de mensagens de bênção e salvação. Miqueias endereçava as suas profecias ao grande público judeu, dirigindo-se mais aos ricos do que propriamente aos nobres.

Miqueias profetizou que o povo de Judá seria castigado por causa dos pecados das autoridades (3.1-4) e da corrupção dos profetas e dos sacerdotes (3.5). Fala que o Senhor vai castigar o povo de Judá e de Israel, por terem se afastado dele e seguirem maus caminhos (1.1-2.11). Dizia ele: “Ai daqueles que maquinam a maldade e planejam o mal [...] (2.1).

Mas ele também fala sobre a misericórdia de Deus, uma vez que o Deus que julga e castiga o seu povo é o mesmo Deus que perdoa e salva. O livro termina com uma oração pedindo a misericórdia de Deus sobre o seu povo (7.14-20).

que ficava uns quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém.

A isso ele acrescenta, indiretamente, que essa cidade chamava-se Moresete-Gate (Mq 1.1,14) porque ela ficava situada não longe da cidade filisteia de Gate. Miqueias vivia numa fronteira entre Judá e uma “terra de ninguém”, cobiçada pelos filisteus, egípcios e até pelos assírios.

Um dos silêncios de Miqueias é que ele não dá o nome de seu pai, de onde os eruditos têm concluído que ele pertencia a uma família de condição humilde. Com isso concorda a natureza da sua mensagem, em que, naturalmente, entre várias outras coisas, ele defende o direito dos camponeses espezinhados, que estavam sendo oprimidos pelos ricos arrogantes.

Ele foi um dos grandes profetas a ministrar tanto a Judá como a Israel. Alguém sumariou muito bem o caráter e as atitudes dele ao escrever que as características de Miqueias eram uma moralidade estrita, uma inflexível devoção à justiça, tanto na lei como nas ações práticas e grande simpatia para com os pobres.

Foi um homem corajoso, dotado de fortes convicções e de uma rara fé pessoal. A julgar pelo seu livro, portanto, podemos deduzir que Miqueias era homem controlado, dotado de grande discernimento espiritual, amante da verdade no íntimo, adversário das meras externalidades religiosas, dono de um coração terno e compreensivo, inclinado ao perdão, mas, acima de tudo, alguém

Miqueias foi um homem corajoso, dotado de fortes convicções e de uma rara fé pessoal

que conhecia realmente Deus, a fonte originária de todas as coisas.

Fora isso, também não se sabe muita coisa a seu respeito como escritor, além daquilo mesmo que ele disse em seu livro.

Época, eventos, personagens contemporâneos

Miqueias profetizou no oitavo século antes de Cristo e viveu na mesma época de Isaías, Oseias e Amós. Não sabemos quando o livro foi escrito, mas sabemos que ele anunciou as suas mensagens por cerca de 50 anos, de 740 a 687 a.C. em Judá, o Reino do Sul, durante os reinados de Jotão, Acaz e Ezequias.

Miqueias foi o contemporâneo mais jovem de Isaías e, que, talvez, tenha profetizado em Judá, possivelmente até na própria capital, Jerusalém.

O final do seu ministério, provavelmente, ocorreu antes da invasão encabeçada por Senaqueribe (2Rs

18.33), que cercou Jerusalém, reino do sul, em 701 a.C.

Miqueias acabou sendo testemunha da derrota do Reino do Norte e da queda de sua capital, Samaria, diante da poderosa Assíria, em 722/721 a.C.

O retrato da corrupção moral e espiritual

A corrupção prevalente, a imoralidade e as injustiças sociais praticadas pelos ricos e a avareza deles eram notórias nos dias de Miqueias, razão pela qual já ia surgindo no horizonte profético a ameaça de exílio. Miqueias pregou tanto contra o Reino do Norte como contra o Reino do Sul, embora enfeixasse a sua atenção principalmente sobre o Reino do Sul, Judá (2Cr 27-30).

Miqueias percebeu que Judá corria o perigo de sofrer o mesmo castigo que Israel (o Reino do Norte) havia

■ ■ ■

■ ■ ■

■ ■ ■ *Os tempos mudam, mas o homem continua o mesmo. Ainda vivemos numa sociedade perdida no atoleiro de cerimonialismo vazio*

■ ■ ■

■ ■ ■

sofrido em 722 a.C. Ele fala contra os pecados do povo de Judá e de Israel, mas deixou patenteado que Deus odeia a injustiça social, abomina o ritualismo, mas deleita-se em perdoar os ofensores arrependidos.

Comparação com a nossa época

Os dois primeiros capítulos do livro de Miqueias tratam do juízo vindouro contra Israel e Judá (1.1-16) e da restauração de Israel depois de ser castigado. Infelizmente, vivemos hoje da mesma forma como o povo de Deus viveu nos dias de Miqueias.

Vemos hoje a prática insana da idolatria que precisa ser combatida e vencida, a cobiça desenfreada dos nobres em detrimento do direito dos mais humildes, a arrogância e a ganância desenfreada dos falsos líderes religiosos que enchem a cabeça do povo com esperanças vãs, sem perceberem que o que Deus espera de nós é a autenticidade e a santidade no íntimo com o tempero da justiça, da misericórdia e da humildade.

Vivemos numa sociedade perdida no atoleiro de cerimonialismo vazio, sem jamais buscar por aquela justiça e demais qualidades interiores, conferidas graciosamente por Deus aos arrependidos e que torna o homem aceitável diante do seu Criador.

Os tempos mudam, mas o homem continua o mesmo. Por isso, dependemos da graça divina para sermos perdoados, regenerados e salvos.

» A LIÇÃO EM FOCO

Deus usa homens para proclamar a sua mensagem. Aqui, pela instrumentalidade de um homem escolhido, alguns impressionantes detalhes da história futura são dados a todos os que quiserem ouvir. Como sempre, Deus adverte antes de enviar punição.

Todavia, o castigo divino haveria de ser seguido por um período futuro de bênçãos sem paralelo, ligados à vinda do Messias, pois a fé em Jeová deve resultar em justiça social e em santidade pessoal, porquanto Deus é justo e soberano.

O que importa é que, após o exílio ameaçado, lutas, batalhas, derrotas e decepções, a misericórdia de Deus haverá de prevalecer finalmente. O profeta anteviu a restauração do povo de Israel, quando o reino do Senhor for o poder dominante e absoluto sobre toda a terra.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Nossa sociedade carece da mensagem profética contra a injustiça. Nossa juventude precisa se levantar contra as mazelas brasileiras na área social, especialmente contra nossas crianças. Seja um profeta de Deus para esta nova geração.

TEXTO BÍBLICO

MIQUEIAS 3; 4

TEXTO ÁUREO

MIQUEIAS 3.11

**AMEAÇA E
ESPERANÇA****» PRA COMEÇAR**

Embora a Assíria dominasse o mundo da época, a profecia de Miqueias referia-se à conquista pela Babilônia, que durante o seu tempo ainda estava sob o domínio da Assíria. Miqueias foi o primeiro ou o mais antigo profeta a anunciar a destruição de Jerusalém. Em 3.12 ele vaticina que a cidade santa viraria um montão de pedras e essa profecia ainda seria citada uns 100 anos mais tarde, no tempo do profeta Jeremias (Jr 26.18).

Entretanto, a grande compaixão de Deus colore cada uma das suas atitudes e ações em relação a seu povo, representando-o como uma filha extraviada (1.13; 4.8,10,13). A sua compaixão, que uma vez redimiu Israel do Egito (6.4), irá também redimir Judá da Babilônia (4.10). A palavra de Deus pode parecer “demorar”, mas ela sempre se cumpre, ainda que alguns a têm por tardia. Pelo contrário, ele tem paciência com o seu povo porque não quer que ninguém seja destruído, mas espera que todos se arrependam dos seus pecados (2Pe 3.9).

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

Advertir, o dever do profeta

É o Espírito do Senhor que autoriza o profeta a se levantar para sua geração e, com ousadia e fé, apontar os seus pecados.

Todas as classes governantes são culpadas: os juízes que julgavam em troca de recompensas (3.9-11), os sacerdotes que ensinavam por interesse e os profetas que vaticinavam por dinheiro (3.11b).

No início, Miqueias se dirige primeiramente aos governadores corruptos de Israel, como em 2.1,2. Ele falou em tons de total revolta contra a liderança degradada do seu tempo. Ele tinha que censurar a liderança da nação por destruir o rebanho que lhes foi confiado.

Posteriormente, Miqueias direcionou sua mensagem a todo o povo de Judá. Os judeus estavam se tratando como inimigos (3.10) e não como irmãos. Miqueias proclamou, essencialmente, uma mensagem de condenação a um povo que insistia em praticar o mal.

Os erros das elites religiosas

Os líderes tinham se tornado *antilíderes*, chefes de bandos criminosos, motivados pela cobiça, debochadores da boa moral, e nada melhores

que os gentios (povos que não faziam parte do pacto de Deus).

Miqueias retratou o apego exagerado e doentio que os líderes de seu povo tinham ao dinheiro. Os líderes imorais estavam “consumindo” os indefesos, tomando tudo o que eles tinham e privando-os dos seus meios de ganhar a vida. Essa atitude perversa é estendida, também, aos profetas.

Usou também a figura do açougueiro e da fera (3.2) para demonstrar que aqueles réprobos tinham sido como carniceiros contra o povo de Deus. Em vez de se preocuparem em não cometer injustiças, sua conduta em relação aos pobres podia ser comparada ao abate de animais (v. 1,2). Com isso, iam arrastando para baixo toda a nação com eles.

■ ■ ■
■ ■ ■
■ ■ ■ *O Espírito do*
■ ■ ■ *Senhor autoriza*
■ ■ ■ *o profeta a se*
■ ■ ■ *levantar para*
■ ■ ■ *sua geração e,*
■ ■ ■ *com ousadia e*
■ ■ ■ *fé, apontar os*
■ ■ ■ *seus pecados*
■ ■ ■
■ ■ ■
■ ■ ■

sa promessa, devemos estar desejosos e seguir a direção de Deus e da sua Palavra.

O entendimento da visão do Senhor

Numa inversão de 3.12, Miqueias passa do castigo iminente para as profecias acerca do reino milenar vindouro (“nos últimos dias”) no qual o Monte Sião (v. 3), o centro do futuro reino terreno do Messias, será elevado espiritual e fisicamente (Zc 14.9,10).

A expressão “o monte da casa do Senhor” (4.1,2) pode ser vista como referência à cidade de Jerusalém e ao reino espiritual de Deus (Lc 17.20,21), que Miqueias diz que viria nos “últimos dias”, significando a época do advento do Messias, uns sete séculos após o encerramento do seu ministério profético.

A aparência autêntica desse reino de paz e prosperidade (1Rs 4.25) é retratada no simbolismo rural de um fazendeiro que está descansando

debaixo da sua videira ou à sombra da sua figueira (4.2).

Usando linguagem figurativa de um animal feito de metal, o Senhor antevê o dia em que Israel conquistará a permanente vitória sobre seus inimigos. Sião é retratada como um animal debulhador (4.3,13), com metais reforçando suas unhas e chifres, ao passo que as nações (4.11,12) serão “debulhadas” por Sião, de modo que seus objetos de valor desmanchem como sementes de grão.

De fato, o cumprimento aconteceu, em parte, no século II a.C., sob o domínio dos Macabeus (que significa “martelos”), que purificaram o templo e ganharam independência das nações que estavam ao redor.

No passado, pessoas de todas as nações subiam a Jerusalém e dela saía a palavra de Deus para todos os povos. No futuro, povos de toda a terra, e não apenas de Israel, “afluirão” (4.1) a Jerusalém para adorar ao Senhor (Zc 8.20-23).



» A LIÇÃO EM FOCO

Sabe-se que os assírios nunca foram capazes de vencer o Reino do Sul. O cumprimento final da profecia ocorreu somente no ano 70 d.C. A punição específica, referida nas ameaças a Judá, foi adiada pela soberania e misericórdia divinas na época da destruição de Samaria (722 a.C.) e só foi aplicada cerca de 140 anos depois (587 a.C.), quando a tribo de Judá foi para o cativeiro babilônico.

Ameaça e esperança sempre fizeram parte ativa do cenário de vida do povo de Israel. Ao longo dos séculos nações inteiras, desejosas de reparti-lo como despojos, foram e serão despedaçadas pela providência divina.

Cabe ao crente, hoje e sempre, resistir os dias maus e crer na esperança que se renova. Cabe-nos ainda acreditar que aquele que em nós começou a boa obra haverá de concluí-la para a glória do seu próprio nome, porquanto fiel é aquele que nos chamou.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Uma das doutrinas mais profundas da Bíblia tem relação com o que os teólogos chamam de onisciência, ou seja, a definição de Deus como aquele que conhece todas as coisas. Ele conhece tudo no passado e no presente. Mais do que isso: ele conhece o que ainda não aconteceu. Somente quem conhece o futuro poderia revelar para os profetas da Bíblia o que ainda estava por vir. É confiando neste Deus poderoso que aguardamos o cumprimento das profecias ainda não realizadas.